
A Indisciplina na Escola: causas, prevenções e enfrentamento

Humberto Corrêa dos Santos¹

RESUMO

A indisciplina sempre fez parte da história da Educação e é compreendida como uma violação, uma desobediência às regras relacionadas a determinado espaço ou situação; no caso da escola, às regras educacionais. Este artigo tem como objetivo apontar as causas relevantes da indisciplina na escola, os meios eficazes de prevenção e as formas mais eficientes de enfrentamento desse distúrbio escolar. A pesquisa utilizou como principal referencial teórico as ideias defendidas por Içami Tiba (2012; 1996). Esse autor aponta como uma das principais causas da indisciplina escolar a permissividade dos pais que não orientam adequadamente seus filhos a respeitarem regras dispostas no ambiente escolar. Para complementar este estudo, realizou-se uma pesquisa bibliográfica junto a artigos e livros de outros autores que abordam essa temática. A pesquisa concluiu que a indisciplina é causada, sobretudo, pela desmotivação do aluno e que isso é consequência ou tem ligação direta com outras causas como: a desvalorização do ensino formal ofertado pelas escolas, a falta de autoridade do professor, dentre outras. A pesquisa concluiu, também, que não há fórmula milagrosa que elimine a indisciplina, mas que um trabalho em conjunto com todos os envolvidos no processo educacional pode diminuir, consideravelmente, esse mal.

PALAVRAS-CHAVE: Indisciplina. Educação. Família.

INTRODUÇÃO

A disciplina escolar – “conjunto de regras que devem ser obedecidas para o êxito do aprendizado escolar” – constitui uma qualidade no relacionamento entre alunos e professores “em uma sala de aula e, conseqüentemente, na escola”, afirma Tiba (1996). Como qualquer relacionamento humano, a possibilidade de enfraquecimento das regras que determinam a disciplina escolar é bastante comum e o tratamento que se dá a esse enfraquecimento – nominado indisciplina – apresenta contradições e diversidade entre os educadores.

Desse modo, as ideias acerca da indisciplina não são concordantes, porque se trata de um tema complexo, com múltiplas interpretações, afirma Rego (1996). Há os que a consideram como o resultado do enfraquecimento do vínculo entre o que é

¹Mestre em Educação pela Universidade de Uberaba - UNIUBE. Coordenador do Polo de Apoio Presencial da Universidade Aberta do Brasil em Patos de Minas – Minas Gerais. E-mail: humbertosantos.13@hotmail.com

moral e vergonhoso (TAILLE, 1996). Afinal, são inúmeras as manifestações de indisciplina que esbarram em aspectos morais como o desrespeito ao colega, professores e à escola, afirma o autor.

Há quem acredita que a indisciplina é resultado da precária educação recebida em casa e da permissividade dos pais (REGO, 1996; TIBA, 1996; 2012; ARAÚJO; TORRES; SANTOS, 2010; BAÚ; RUIZ, 2010; PRATA, 2011) que resultam, igualmente, no enfraquecimento moral do aluno. E há ainda quem atribua, como responsável principal pela indisciplina em sala de aula, a falta de motivação dos envolvidos no processo educacional (AQUINO, 1996; REGO, 1996; VASCONCELOS, 1997; MELO et al., 2007; ECCHELI, 2008; BAÚ; RUIZ, 2010). Por um lado, encontra-se o professor que se sente desmotivado em virtude do salário exíguo que recebe; por outro lado, há os alunos que se sentem desmotivados por assistir aulas sem nenhuma criatividade. A ausência de motivação numa sala de aula decorre de inúmeros fatores, dentre esses ora apontados.

Diante do até então apontado, o enfraquecimento do vínculo moral, a permissividade dos pais, a ausência de motivação em sala de aula e outras causas que provocam a indisciplina foram abordadas no primeiro tópico deste artigo. Sabendo ser inevitável a indisciplina os envolvidos na vida escolar do aluno, como a comunidade, a escola, os pais e os professores buscam *a priori*, meios para prevenir esse fenômeno em sala de aula e o segundo tópico do estudo trata dessas questões.

Não basta, contudo, identificar as causas mais comuns da indisciplina e usar de meios para preveni-la; torna-se primordial identificar formas de enfrentá-la com o objetivo de atender o que se busca em uma sala de aula: o ensino e a aprendizagem de conteúdos necessários à educação dos alunos. Esses aspectos foram abordados, respectivamente, no terceiro e no quarto tópico deste artigo.

Causas da indisciplina em sala de aula

São várias as causas da indisciplina em sala de aula, sendo que a maioria delas é apontada por pais e educadores sem que se faça uma reflexão dos seus porquês. Toma-se como exemplo a questão da falta de valores comumente

apontada por estudiosos da temática, e que Taille (1996, p. 9) indaga: “quais valores”?

Essa ausência de valores constitui uma das três razões por que o tema disciplina/indisciplina é delicado e perigoso. As outras duas razões, segundo o autor citado são: a) o reducionismo que justifica o fato de que a indisciplina é observada por uma única dimensão, o que não é verdade; é preciso identificar todas as causas desse fenômeno e não apontar apenas uma para as situações em geral. b) a complexidade e ambiguidade do tema, afinal a indisciplina não constitui apenas o desconhecimento ou a desobediência de normas estabelecidas. O tema é bem mais complexo.

Uma das causas apontadas por Taille (1996) refere-se à ausência de moral/vergonha por parte dos alunos. Mas é preciso buscar, também, os motivos para essa ausência. O autor menciona uma das transformações ocorridas nas escolas, principalmente as particulares, a partir da última década do século XX: o aluno passou a ser considerado cliente afirma o autor, “o aluno se torna ‘cliente’ a quem a escola vende um ‘produto’. E, como se sabe, o cliente é rei, é ele quem manda” (TAILLE, 1996, p. 21). A consequência desse tratamento equivocado é percebida diante de reações dos alunos junto aos seus professores; pois há alunos que enfrentam seus mestres afirmando que não lhe devem obediência, que pagam seus salários e que são, conseqüentemente, seus empregadores (TAILLE, 1996).

Por sua vez, Vasconcellos (1995, p. 23) atribui, como causa da indisciplina, o fato de que a desvalorização social da escola fez com que houvesse uma queda do mito da ascensão social, por meio ensino e aprendizagem, diminuindo consideravelmente a motivação extrínseca que havia entre aqueles que desejavam “ser alguém na vida”, por meio do ensino. A criança é levada a acreditar na possibilidade de sucesso desde pequena. Sendo assim, entender que a escola e os estudos não contribuirão para uma ascensão social faz com que os alunos, desde novos, não se sintam motivados a prestar atenção nos ensinamentos do professor. A escola deixa de ser um ideal e passa a ser uma obrigação.

Nessa direção, percebe-se que a figura do professor tem sido banalizada contribuindo para que seu papel, de agente transformador da realidade, se descaracterize (SGANZELLA, 2012). O reconhecimento natural da importância do professor para a ascensão social dos indivíduos não existe mais, já faz algum

tempo, conforme se constata na obra de Vasconcellos (1995) publicada há duas décadas. O autor, àquela época, afirmou que o tempo do reconhecimento da imprescindibilidade do professor ficou para trás.

Isto acontecia quando a escola representava um inquestionável caminho de ascensão social e, dessa forma, o professor era um dos seus representantes mais qualificados e como tal era tratado (ainda que fosse um respeito meramente formal). Hoje tudo mudou. Esse tratamento de respeito tem que ser conquistado pelo professor (VASCONCELLOS, 1995, p. 45).

Essa crise de valores indica que a sociedade contemporânea passa por um convívio turbulento, ilustrado a todo instante pelos meios de comunicação, com cenas e atos de violência refletindo problemas de comportamento da população em geral e constituindo em um cenário que condiciona os grupos sociais, incluindo as escolas e seus alunos, a se comportarem de forma inadequada e indisciplinada afirma Tessaro (2009).

Existem ainda aqueles, e são inúmeros esses educadores, que atribuem à família a culpa da indisciplina em sala de aula (REGO, 1996; TIBA, 1996; 2012; ARAÚJO; TORRES; SANTOS, 2010; BAÚ; RUIZ, 2010; PRATA, 2011). Situações como: criação autoritária, falta de limites, lares desestruturados, pais separados, pais permissivos, falta de interesse dos pais em acompanhar a vida escolar dos filhos são destacadas por pesquisadores; e há ainda situações em que a família procura repassar a responsabilidade de educar os filhos, para a escola (TIBA, 1996; 2011; BAÚ; RUIZ, 2010).

Entretanto, a influência familiar não pode ser considerada como responsável absoluta no comportamento indisciplinar do aluno. “Uma coisa é aceitar que o que ocorre no ambiente familiar é importante, e outra, bastante diferente, é acreditar que é determinante e irreversível” afirma Rego (1996, p. 98). A autora prossegue afirmando que essas adversidades familiares podem ser superadas se o aluno tiver oportunidade de vivenciar contextos e modelos educacionais até então recebidos.

A questão da família vai além do disposto no parágrafo anterior. Alguns filhos acreditam, por exemplo, que pais que não acompanham suas tarefas escolares não se interessam por essa atividade. “Filhos confundem-se com suas tarefas. Quando os pais não dão importância para as tarefas, os filhos acreditam que os pais não se interessam por eles e tornam-se desmotivados” (TIBA, 2012, p. 53-54).

Em pesquisa de campo realizada na cidade de Mimoso (ES), Prata (2011) observou que a indisciplina girava mais em torno daqueles alunos cujos pais eram pouco ou nada participativos nas atividades da escola como as reuniões, conselhos de classe ou quaisquer eventos.

Há, ainda, os que atribuem aos professores a culpa pela indisciplina do aluno em sala de aula. Situações como a falta de autoridade e a ausência de motivação e de controle provocam desordem na sala de aula que se torna, dessa forma, um ambiente desordeiro e não adequado à aprendizagem (REGO, 1996).

Em se tratando de motivação acredita-se que ao consegui-la o professor e a escola adiantam um passo para a prevenção da indisciplina (ECCHELLI, 2008), à medida que aluno motivado é aluno atento, curioso e que, como consequência, estimula o professor a prosseguir no objetivo de repassar mais conhecimentos e a se sentir mais motivado, também.

Outra causa apontada por Aguiar (2008) um dos estudiosos pesquisados é a defasagem existente entre série/idade dos alunos em razão dos que repetem o ano muitas vezes e passam a frequentar um ambiente escolar com alunos mais novos. Vários desses repetentes se revoltam com um ambiente que parece não lhes pertencer.

Rego (1996) aponta também como uma das causas da indisciplina – ideia não compactuada por este autor, mas vale considerar – os traços inerentes da infância/adolescência/juventude. É como se toda criança fosse egocêntrica e todo jovem, revoltado por natureza levando-os à indisciplina em sala de aula.

Ao analisar quaisquer das causas atribuídas à indisciplina Tiba (1996) considera necessário levar em conta as características dos envolvidos principais dessa questão: aluno, professor e ambiente escolar. Nenhuma análise, segundo o autor referenciado, deve ser feita de forma isolada, evitando, assim, conclusões rasas sobre essa temática.

A prevenção da indisciplina escolar

Existem várias medidas capazes de prevenir a indisciplina em sala de aula, que só surtem efeito, contudo, se forem trabalhadas em conjunto: comunidade, família, escola, professor e aluno. Içami Tiba, em entrevista concedida a Rainho

(2000, p. 52) afirmou que os pais precisam ser firmes com os filhos e que as regras familiares necessitam ser claras; se o filho não cumpriu determinada tarefa escolar, por exemplo, os pais, ao puni-lo devem dizer claramente o porquê da punição.

Se os pais consideram que um filho ficará sem mesada por alguma desobediência, devem dizer claramente: “eu tenho o dinheiro da mesada, mas não vou dar porque você não merece” em vez de dizer que não tem o dinheiro. Agindo dessa forma o filho saberá que está sendo punido e reconhecerá a autoridade dos pais.

Estabelecer limites ao filho também possibilita a prevenção da indisciplina em sala de aula, uma vez que a tarefa de disciplinar o aluno não cabe apenas a essa instituição e ao professor. O aluno que tem limite e responsabilidades em casa chegará à escola com uma postura irrepreensível para o aprendizado. O limite que pais dão ao filho está diretamente ligado à meritocracia, segundo Tiba (2012). Filho não deve ser premiado sem que, assim, mereça. São os pais que preparam o filho para a vida; escola e professor complementam esse preparo com o ensino escolar. Afinal, “não são os outros que vão prepará-lo para a vida. Não se delega a educação à escola ou a outras pessoas por um simples motivo: se houver uma ocorrência – policial, médica, emergencial (...) os responsáveis acionados serão os pais” (TIBA, 2012, p. 69).

Observar a indisciplina com base na percepção do aluno é extremamente positivo para amenizá-la. Discutir e estabelecer regras com a colaboração do corpo discente tem sido uma estratégia utilizada, com sucesso, em algumas escolas, afirma Silva (2011).

Por sua vez, o professor precisa assumir o papel de coordenador do processo de aprendizagem de tal forma que não seja omissivo e sim, interativo. Para tanto é primordial que esteja atento às diferenças entre os seus alunos de forma que possa combinar atitudes e possibilidades múltiplas. O professor precisa ficar atento a não tomar uma atitude que aparentemente possa ser mais fácil de conduzir, que é a padronização de comportamento. Um grupo de alunos de uma mesma sala de aula não pode significar padronização e sim combinação de comportamentos a serem trabalhados pelo professor coordenador, segundo Vasconcellos (1995).

Moço (2009) acredita que o professor deve trabalhar com conteúdos relacionados às questões morais, ao convívio social, à cooperação mútua, de tal

forma que essas abordagens possibilitem o estabelecimento de uma relação de respeito mútuo o que, conseqüentemente, inibirá manifestações de indisciplina, pois o aluno se sentirá valorizado e pertencente ao processo ensino aprendizagem.

Uma das formas de prevenir a indisciplina é o exercício da autoridade do professor junto aos alunos. Essa autoridade passa longe do autoritarismo e envolve questões, de acordo com Vasconcellos (1995), de cunho intelectual, ético, profissional e humano. No campo intelectual o professor exerce a autoridade sendo capaz de refletir, rever os pontos de vistas, não se fechar, demonstrar sabedoria no trato com a realidade dos espaços onde ministra suas aulas. No aspecto ético, o professor deve ter firmeza de caráter, compromisso com o bem comum, ter princípios e senso de justiça, dentre outros aspectos.

Profissionalmente falando o professor exerce sua autoridade sendo competente e preparando com antecedência suas aulas; dominando, assim, a disciplina e metodologia do que ensina. Afinal, o professor deve ter interesse nos alunos e na profissão que exerce. No campo humano, o autor citado acredita que a autoridade está diretamente ligada à capacidade que o professor tem de perceber e respeitar o aluno como pessoa. Ressalta-se que o respeito para com o aluno só se torna possível se a escola tiver como compromisso, além de educar, a promoção de valores por meio diálogo e do afeto (TESSARO, 2009), minimizando, como consequência dessa postura, a indisciplina no ambiente escolar.

O enfrentamento da indisciplina em sala de aula

Os educadores têm, teoricamente, vários meios de enfrentar a indisciplina escolar. Acontece que nem sempre as sugestões apontadas por especialistas são capazes de inibir esse fenômeno em determinada sala de aula, escola ou comunidade. A motivação, por exemplo, tem sido citada por diversos especialistas como meio de enfrentamento da indisciplina (AQUINO, 1996; REGO, 1996; VASCONCELOS, 1997; MELO et al., 2007; ECHELII, 2008; BAÚ; RUIZ, 2010).

Contudo, abre-se uma nova questão: como motivar o aluno? Sabe-se que crianças e jovens são “ávidos pelo saber, pelo convite à descoberta, pela ultrapassagem do óbvio, desde que sejam convocados e instigados para tanto. Tudo depende, pois, da proposta por meio da qual o conhecimento é formulado e

gerenciado nesse microcosmo que é **cada sala** de aula” (AQUINO, 1996, p. 52, grifo deste estudo).

O destaque que este artigo deu à citação de Aquino (1996), transcrita no parágrafo anterior, reforça que é árdua a tarefa enfrentada pelo professor no dia a dia de seu mister: é preciso ter competência para agir diferente em cada sala de aula, uma vez que cada conjunto de alunos se manifesta de forma diferente às mesmas situações. O professor se reinventa a cada nova turma, novo conteúdo, segundo o autor citado, e essa reinvenção pode resultar em aluno motivado, em aluno, conseqüentemente, disciplinado. E não é só, o professor deve ser capaz de entender, também, que algumas medidas tomadas podem funcionar com determinado aluno, mas com outros, não (ARAÚJO; TORRES; SANTOS, 2010).

Santos e Silveria (2011, p. 5) acreditam que a Psicopedagogia bem aplicada pode ser uma aliada no combate à indisciplina. Afinal, a indisciplina tem uma relação direta com o processo de aprendizagem e a Psicopedagogia permite “uma visão sistêmica, holística, que busque a compressão das múltiplas formas de aprender”, além de possuir “ferramentas, posturas e procedimentos mais indicados para trabalhar com (in) disciplina na escola.”

Para Passos (1996) compreender questões que envolvem a indisciplina em sala de aula passa pelo conhecimento sobre a realidade escolar e o contexto das práticas educacionais de onde ocorre esse fenômeno. E o autor assim explica:

Isto porque a prática pedagógica é estruturada a partir dos quadros de referência ideológicos, morais e sociais de todos os envolvidos na dinâmica escolar: professores, diretores, alunos, pais, funcionários etc. Tais quadros se cruzam com todo o universo simbólico cultural (de valores, crenças, representações) que dão sentido a suas atitudes e comportamentos (PASSOS, 1996, p. 121).

O autor prossegue afirmando que examinar o dia a dia da escola pode ser uma alternativa para a compreensão da indisciplina uma vez que “ao tomar o cotidiano como foco de análise, pode-se percorrer um trajeto teórico que não fragmente os fenômenos, mas que revele a gênese e a natureza do processo educativo” (PASSOS, 1996, p. 121).

Outra forma eficaz de enfrentar a indisciplina em sala de aula é não cair no erro da culpabilização, segundo Vasconcellos (1995). É preciso parar de achar um culpado definitivo. O importante é analisar cada situação em particular e evitar que o aluno continue a ser a maior vítima dessa situação. A busca pelo culpado é

desgastante e provoca reações de ataque e defesa. Afinal, as causas da indisciplina podem ser encontradas em cinco níveis: sociedade, família, escola, professor e aluno de acordo com Vasconcellos (1995). O ideal é trabalhar em ações junto a esses níveis.

Para esse autor, a sociedade deve desenvolver um resgate ao compromisso, à solidariedade, à valorização os profissionais da educação, além de participar de movimentos populares em prol da educação. Por sua vez a família pode contribuir para a disciplina do aluno por meio de diversas posturas como: impor limites ao filho; ajudá-lo a construir uma postura crítica e a pensar no sentido da vida; não acobertar falhas; acreditar na possibilidade do filho; participar das atividades escolares; valorizar a escola, o professor e o estudo, acompanhar a vida escolar do filho (VASCONCELLOS, 1995).

De acordo com Tiba (2012) os pais que cobram do filho o estudo em casa apenas às vésperas das provas, falham demasiadamente. É preciso que se crie uma rotina de estudos. O aluno habituado ao estudo, e incentivado a tirar boas notas em provas, se sente mais motivado a participar das aulas com uma postura mais respeitosa e adequada ao ambiente escolar.

A escola, segundo Vasconcellos (1995), deve construir uma postura comum entre seus atores. Esses parâmetros comuns definirão o que se pode ou não fazer, o que é ou não é grave. As normas devem ser, portanto, bem definidas para que não haja comportamentos diferentes para uma mesma situação. Reações não similares provocam desconfiança e, conseqüentemente, indisciplina. Essa definição de postura comum é proposta e estabelecida em reuniões pedagógicas e na formação permanente dos professores.

Ressalta-se que a construção de uma postura comum na escola passa, também, por avaliações periódicas – a fim de ajustar, abolir ou acrescentar outras posturas – e por um trabalho com as famílias dos alunos (VASCONCELLOS, 1995). O professor, por sua vez, de acordo com o autor citado, deve assumir a realidade da sala de aula; deve aceitar e respeitar o aluno que tem e, só depois, tentar mudá-lo, quando necessário. Ao se sentir aceito o aluno se abre à interação. A crença na possibilidade de mudança do outro é uma aliada ao combate da indisciplina, mas só se estabelece quando o professor conquista a confiança e o respeito do aluno com

clareza e convicção de ideias e postura. O professor não deve conseqüentemente, vincular notas à disciplina.

E, por fim, segundo Vasconcellos (1995), o aluno pode contribuir para o combate à indisciplina por meio de uma participação consciente e interativa em sala de aula; respeitando os colegas, professores e demais atores escolares; participar, por meio de representantes, da elaboração de normas escolares. Santos e Silveira (2011) também acreditam que não há um só método ou recurso – humano ou não – capazes de combater a indisciplina, por isso sugerem a intervenção psicopedagógica, um trabalho em conjunto com os principais atores do fazer educacional. Afinal, não basta que haja apenas, por parte dos envolvidos na educação, uma autorreflexão sobre o que é indisciplina; é primordial que haja uma boa formação e esforço adequado da equipe envolvida, afirma VICHESI (2009).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tema indisciplina é bastante vasto e em meio à diversidade de entendimento sobre suas ocorrências em sala de aula é possível constatar que, segundo os autores analisados, esse fenômeno não é provocado apenas por questões pedagógicas. Há uma série de outros motivos como: a ausência de moral; a ausência de limites em casa e a permissividade dos pais; a falta de motivação; a desvalorização da importância da escola e do estudo, dentre outras causas, que provocam a indisciplina e dificultam o processo educacional. Identificar as causas mais comuns dessa ocorrência em determinada sala de aula, grupo de alunos ou mesmo partindo de um só aluno permite escolher o meio mais adequado de combater esse mal.

É preciso ressaltar que nem todas as inquietações ou momentos de desatenção do aluno podem ser considerados como manifestação da indisciplina. Sendo assim, é necessário que o professor tenha competência suficiente para analisar situações particulares antes de caracterizar esses comportamentos como sendo o fenômeno ora estudado.

Contudo, a indisciplina, por ser tão complexa, não deve ser combatida apenas pelo professor, condutor e coordenador da aprendizagem em sala de aula. É primordial que demais atores do processo educacional se envolvam para amenizar

ou mesmo eliminar a indisciplina na escola. Pais, professores, escola, comunidade e, até mesmo, os alunos precisam trabalhar de forma consensual para atingir um mesmo objetivo: conseguir com que o respeito às regras seja uma realidade no ambiente escolar fazendo com que o ensino aprendizagem flua de maneira ideal e enriquecedora para todos os envolvidos.

Cabe aos pais dedicar mais tempo aos estudos dos filhos com um olhar mais atento para a escola, os deveres, as provas, as notas ou quaisquer atividades e ocorrências diretamente ligadas ao desenvolvimento educacional dos filhos.

À escola cabe identificar os maiores e mais repetitivos problemas de indisciplina e por meio de uma equipe multidisciplinar buscar meios para combater esse mal, evitar novas ocorrências e resgatar uma autoridade saudável perante seus alunos.

Ao professor cabe o papel mais difícil na eliminação ou diminuição do fenômeno estudado uma vez que, além de auxiliar a escola na identificação das causas, combate e prevenção da indisciplina, ao professor cabe manter o interesse do aluno em sala de aula buscando motivá-lo a ter um comportamento respeitoso e adequado que possibilite a um melhor e eficaz aprendizado.

Indiscipline at School: Causes, Preventions and Actions

ABSTRACT

Indiscipline has always been part of the Education history and is understood as a violation, disobedience to the rules related to certain place or situation; in case of the school, it refers to the educational rules. This article aims to point out the relevant causes of indiscipline in schools, effective prevention methods and more efficient ways of dealing with this school disorder. The research used as the main theoretical reference the ideas defended by Içami Tiba (2012; 1996). This author points permissiveness of parents who do not properly guide their children to respect rules set forth in the school environment as one of the main causes of school indiscipline. To complement this study, we carried out a literature review of articles and books that address this issue. The research concluded that indiscipline is caused mainly by the demotivation of the student that it is a consequence or is directly linked to other causes such as: the devaluation of the formal education offered by schools, lack of teacher's authority, among others. The research also concluded that there is no miracle formula to eliminate indiscipline, but working together with everyone involved in the educational process may shorten considerably this ill.

KEYWORDS: Indiscipline. Education. Family.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- AGUIAR, Clélia da Costa Pereira. **A indisciplina e a agressividade dos alunos nas séries finais de Ensino Fundamental**. Coord. Ped., Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 130-132.
- AQUINO, Julio R. Groppa. **A desordem na relação professor-aluno: indisciplina, moralidade e conhecimento**. In: _____. (org.). *Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Sammus Editorial Ltda., 1996. cap. 3, p. 38-56.
- ARAÚJO, Vanderléia Aparecida Alves; TORRES, Juliana de Souza; SANTOS, Dulce Pereira dos. **Manifestação de indisciplina nas aulas de geografia nas séries finais do ensino fundamental**. In: 1º CONGRESSO REGIONAL DE EDUCAÇÃO – IX SEMANA DA EDUCAÇÃO. *Anais*. Unimontes, Campus de Pirapora, Pirapora/MG, nov. 2010.
- BAÚ, Lilianne Blauth; RUIZ, Adriano Rodrigues. **Indisciplina x ensino-aprendizagem: questões atuais**. In: ENCONTRO DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO. *Anais*, Presidente Prudente, out. 2010.
- ECCHELLI, Simone Deperon. **A motivação como prevenção da indisciplina**. *Educar*, Curitiba, n. 32, p. 199-213, 2008.
- MELO, Fernanda Martins; et al. **Indisciplina em sala-de-aula: uma discussão sobre o conceito e suas implicações**. *Terra e Cultura*, n. 44, ano 23, jan./jul. 2007.
- MOÇO, Anderson. **Indisciplina. Como se livrar dessa amarra e ensinar melhor**. Não há solução fácil. *Nova Escola*, n. 226, v. 24, nov. 2009, p. 78-89.
- PASSOS, Laurizete Ferragut. **A indisciplina e o cotidiano escolar: novas abordagens, novos significados**. In: AQUINO, Julio Groppa (org.). *Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Sammus Editorial Ltda., 1996. cap. 8, p. 117-128.
- PRATA, Kellyman. **Desafio da indisciplina na escola: análise da rede pública estadual em Mimoso do Sul**. 2011.
- RAINHO, João Marcos. **Indisciplina**. *Educação*, ano 27, n. 230, p. 40-52, jun./2000.
- REGO, Teresa Cristina R. **A indisciplina e o processo educacional: uma análise na perspectiva vygotskiana**. In: AQUINO, Julio Groppa (org.). *Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Sammus Editorial Ltda., 1996. cap. 6, p. 86-102.
- SANTOS, Joedson Brito; SILVERIA, Andréia Cardoso. **(In) disciplina e intervenção**

psicopedagógica. In: V COLÓQUIO INTERNACIONAL “Educação e Contemporaneidade”. Anais, São Cristovão (SE), set. 2011.

SGANZELLA, Natalia Cristina Marciola. **O ambiente escolar e a indisciplina no ensino fundamental.** Revista Eletrônica de Educação e Ciência, v. 2, n. 1, mar., 2012, p. 44-53.

SILVA, Eliziane Gross da. **A indisciplina na visão do aluno.** Faculdade Cenecista de Osório (RS), 2011.

TAILLE, Yves de La. **A indisciplina e o sentimento de vergonha.** In: AQUINO, Julio Groppa (org.). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas.** São Paulo: Sammus Editorial Ltda., 1996. cap. 1, p. 9-24.

TESSARO, Rita. **Indisciplina na escola: educar ou reprimir?** Revista de Educação do Ideau. Instituto de desenvolvimento educacional do Alto Uruguai (IDEAU), v. 4, n. 9, jul./dez. 2009.

TIBA, Içami. **Disciplina: o limite na medida certa.** São Paulo: Editora Gente, 1996.

TIBA, Içami. **Pais e educadores de alta performance.** 2. ed. São Paulo: Integrare Editora, 2012.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola.** São Paulo: Libertad, 1995. (Cadernos pedagógicos do Libertad, v. 4).

VICHESSI, Beatriz. Indisciplina. **Como se livrar dessa amarra e ensinar melhor.** Por trás desse problema... Nova Escola, n. 226, v. 24, nov. 2009, p. 78-89.